

CAIS E FILHOS



Fabiano A. Salim

CAIS E
FILHOS

FABIANO A. SALIM

CAIS E FILHOS

1ª edição

Belo Horizonte
Edição do autor
2018

Catálogo na Publicação (CIP)

S165 Salim, Fabiano A.
Cais e filhos / Fabiano A. Salim. – 1a. ed. – Belo Horizonte : Ed. do Autor, 2018.

136 p.

ISBN: 978-85-923868-0-1

1. Ficção brasileira – contos I. Título

CDD: B869.3

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

CAIS E FILHOS

© 2018 COPYRIGHT BY FABIANO A. SALIM

EDITOR

Fabiano A. Salim

SUPERVISÃO EDITORIAL e PROJETO GRÁFICO

Vanderlucio Vieira

ILUSTRAÇÃO CAPA

Tales Ramalho Salim

REVISÃO DE TEXTO

Ana Valéria Fink

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a prévia autorização do autor, por escrito, sob pena de constituir violação do copyright (Lei 5.988)

Quer saber mais sobre o autor

fabianosalim@gmail.com

Impresso no Brasil

Formato Artes Gráficas

Belo Horizonte, Janeiro / 2018

1ª edição: 2018

ESTE LIVRO ESTÁ DE ACORDO
COM A NOVA ORTOGRAFIA.

Para
Cassiano, Elisa e Tales.

*“Não são os filhos que nos devem.
São os pais que devem a eles”.*

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Este é o meu terceiro livro. Da mesma forma que nos anteriores, tenho a felicidade de continuar contando com amigos e parentes a quem sempre perturbo, solicitando pitacos em cada texto que finalizo. Se não fosse dessa forma, não chegaria a concluir os volumes, uma vez que os carinhosos retornos geram confiança, deixam claro que não estou sozinho nesta senda.

NOTA DO AUTOR

A extraordinária literatura em forma de contos sempre foi minha preferência.

A apresentação de textos curtos, com início, meio e fim, sincronizados em palavras poucas, traduz uma forma rápida de compartilharmos um pensamento, passarmos adiante, dividirmos momentos marcantes, sem dar importância se alegres ou não. São fatos, nossas histórias.

SUMÁRIO

CAIS E FILHOS	15
ESTRELAS	25
XUXUZINHO	29
INSENSATEZ..	39
LÁ VAI O MENINO	43
O LAMENTOSO	49
COMPANHEIRA	53
O DEDO	59
O HOMEM E AS GALINHAS	69
OS MENINOS E O CAPETA	79
ESTAVA ESCRITO	91
DEPOIS DO AMOR	101
OS LOUCOS	105
AMIGOS	109
O GULOSO	123

CAIS E FILHOS

Na cidade baixa, o atracadouro de acesso privado com escunas, iates, embarcações de luxo com alcunhas de ilhas gregas e cidades europeias é apartado do cais do frege, com canoas de motores pu-pu-pu de barulhentos, barcos rudes que transportam mantimentos, materiais de construção, passageiros aos montes e que, nas laterais da proa, estampam nomes de santas madrinhas, padroeiros, milagreiros que zarpam de mãos dadas com a esperança.

Nesse porto, aberto a tanta gente e mercadorias, a vida não tem âncora, navega a nenhum pano pelas ruelas do mangue, pelos becos estreitos de pedras fétidas.

Aos sábados, feira na beira do cais, breves datas em que o rural se encontra com a cidade, pás de pessoas mergulham no “vamos ver no que dá”. Todos a vender preço. Nada de cidadão, apenas um lugar miúdo, que também não é para boca de quem faz bico de céu doce, nem muxoxos, por cidadania. É praça de peleja por sobrevivência.

A maré minguando mostra o rio no encolhimento, fazendo pouco caso da lama negra que exhibe, cada vez mais, no tudo areia, tudo terra, onde os caranguejos redobram os sinais das próprias puãs, nem para trás nem para frente, de bandinha, macia bossa até o volume d’água expandir, para lamber novamente, no acolá, as raízes da vegetação retorcida do mangue, dando contorno novamente ao leito maior do caudaloso.

Nas proximidades da feira, farmácia vende farinha, casa de sapato vende galinha. As coberturas em lona plástica das tendas abafam o cheiro das comidas no antes e no depois da fome, deixando no ar, cada vez mais, um azedume pela mistura das frituras, caldos fermentados, cachaaças jogadas aos santos.

No aglomerado dos açougues, carnes verdes dependuradas, salpingando de vermelho o chão de cimento grosso repisado de sangue preto, esperam a faca afiada para deitar no cepo, tronco impregnado de matanças anteriores. Nesse espaço, tem mais cachorro sonhando que seus donos comprando.

Ligando os carnicheiros ao setor de verduras, um corredor dá moradia a muitos que querem molhar a goela com água de vermoles, onde os pequenos bares, resumidos a balcões em tábua rústica, servem doses caprichadas da destilada pura, curtida em ervas ou partes de animais.

Segue a divisão das hortaliças com as bancadas em madeira ruim, escorando-se uma em cada outra. O piso é salsado pelos restos dos verdes em folhas amareladas, já murchas antes mesmo de despencarem dos tabuleiros, que também servem de encosto para frutas mirradas, tubérculos brocados. Um pedaço de jornal separa o chão batido dos temperos em promoção, aos cuidados de um menino que, encostado no nada, assoando o nariz, não para de gritar “olha o coentro, salsa, cebolinha”.

Transeuntes pelos quatro cantos, vendedoras sem barracas, amparadas apenas pelos ventos que tocam suas saias, aquecem seus lombos expostos, mostram-se oferecidas, insinuantes retalheiras.

Tudo mostra uma fusão com.

E o clima que não sabe de piedade, mente de repente, faz chover. Tudo se desmuda.

Da cidade baixa, entre as nexas das lonas rasgadas, veem-se, trepadas nas grimpas, vivas em cores mortas, as moradias das famílias de posse, as casas de reza, que não querem enxergar, de lá, o que está abaixo do por baixo, dada a urgência de mais comer o dia inteiro, a toda hora.

Parece que o fundador da vila apalpou o porvir. Do alto do orgulhoso morro, sabia que um dia a cidade ribancearia ladeira abaixo sem encontrar arrimo que não fosse as águas escuras, mancomunadas com o píer da desordem, onde, entremeando abortados, brotariam Josés, reben-tariam Marias, mais tantos nomes vingados, largados para revezar fome, alternar cama. Chegariam já mareados, sempre no nunca de saber de

nenhuma das margens que os desaguarão neste território, único mundo que conheceriam, onde o mais hoje ou mais amanhã, sem misericórdia, recolheria o dia a dia de cada um, até que boiassem sem conhecer lado, apenas lodo.

Estalou ali pelas tábuas das docas, no vácuo das percepções, um franzino. Sem nome de cartório, foi acumulando apelidos até o definitivo para ser gritado, receber ordens, aceitar culpas pelo que não fazia. Atendia por Sapo. Não teve o carinho de alguém ver seu umbigo secar.

Sempre calado, no dorso juvenil o suor caelejou o direito de só ter obrigações, ditadas por quem passeia na via de mão única do advir das benesses.

Era um cargueiro, serviços pesados de toda ordem. A cacunda jovem, tenra, de menino, já querendo curvar, ainda tinha resistência para carregar o sonho de um futuro onde poderia cumprimentar, ao menos, as pessoas que por ele cruzavam, sem o notar.

Tinha também uma esperança: aboletar-se em um barco que tragasse todo o lá longe

do horizonte até chegar do outro lado, o depois de tudo, de onde achava vir toda aquela água que banhava seu mundinho. Queria conhecer o quem ficava soprando tudo aquilo o tempo todo. Alguém existe, ondas não se fazem sozinhas. Era sua intriga.

Para tocar fantasias, achava, tinha que crescer. O álcool foi o remédio. Cedo, antes dos pentelhos, comia pedaços esmolados de pão encharcados em cachaças baratas, doadas por diversão.

Mesmo molhado, fazia por onde querer agradecer a qualquer um. Sentia-se batráquio, se fazia anfibio, humilhava-se, gracejava a pedidos, mas nem assim conseguiu repousar na lembrança de quem quer que fosse, para o pouquinho do sentir muito pela sua morte.

Ao sabor das marolas, foi visto mordiscado por peixes, beliscado por siris. Mesmo com o peso do fardo, lastreado com penas que eram suas, o corpo desafundava pela leveza de não ter conhecido as constâncias adultas.

Ainda criança, ainda drogado, ainda encontrado na maré, não alterou as idas e vindas

dos cascos, indiferentes, que passavam por ele do mesmo modo como aqui foi seu tempo: pobre apenas, esperando aquele dia de boiar enrijecido, só, enquanto o brilho dos olhos partia para ver o depois do depois que sempre quis conhecer.

ESTRELAS

Uma vez, era uma estrela, que se exibindo solta, dependurada no nada, perdeu o céu e se espatifou no chão.

Daí, cada caquinho mostrou uma luz, de cor indefinida, que piscava, piscava, piscando até se apagar num nada, tornando-se apenas pedaço de coisa quebrada, como um copo que se estilhaça no piso com o barulho que todos sabem, de um “viva”, se em um bar, ou de “mais um” no resmungo da patroa contra a empregada.

Só que o barulho de uma estrela ao bater no chão ninguém conhece, nem nunca ouviu falar de quem escutou, mas sente, como quando, ainda meninos, descobrimos que ninguém se trans-

forma em estrela, conforme os ensinamentos que tentaram semear para nos explicar a morte.

Também provoca um sentimento desconcertante o momento em que passamos a entender que não foi estrela a primeira paixão, que o brilho dela se perdeu no poente de uma despedida rasteira.

Ê. Pois é. As estrelas da infância, que entendemos depois como vagalumes, eram em tom esperança, verdes tempos que dançavam no ar, brincavam inocência, nos fazendo sonhadores de um dia voar, mesmo se no demorado tão longe que um dia chegou. Foram decolagens de muito viver que nos fazem agora voltar a assistir pirlampos, arranjados em alvadio vacilante, imóveis em um firmamento que só enxergamos de olhos fechados, mirando, mirando para sentir os pés na brotação em raízes, lentos para cumprir, no nível da terra, sonhos que desceram dos céus. São passadas mansas, encandecidas pelas horas derretidas, minutos evaporados que transformaram o andar sem direitura para avançar novas trilhas, mas suavizar a ida, tão só, com muito cuidado.

XUXUZINHO

A notícia, trazida em imagens de alta definição, por um eufórico repórter no local onde ocorrera o crime passional, o fez lembrar, em passado não muito longe, de um episódio daqueles marcantes que brota no pensamento todas as vezes que vemos ou nos contam coisas semelhantes. “Graças a Deus”, dizia sempre, batendo na madeira, agradecido por seu caso não ter tido o desfecho igual ao da resenha que acabara de ouvir.

Sentado no sofá da sala, azeitou o trem das reminiscências, que começou a rodar em marcha lenta, parando numa estação que, se pudesse ele, passaria direto. Lembrou-se do apelido caseiro,

“Xuxuzinho”, com o qual ela sempre o chamava. “Xuxuzinho pegue a toalha para mim, Xuxuzinho desliga o forno que o assado já deve estar bom, Xuxuzinho isso, Xuxuzinho aquilo” e por aí vai, ou melhor, ia, até o rompimento, com mágoas, do primeiro casamento, causa por ele inimaginável, agravada por uma tristeza desnorteante, no entanto, menor que a humilhação que causava arrepios quando, por um acaso, na rua, praça ou qualquer lugar, escutava um par enamorado empregando tal termo.

Agora estava tudo no bem bom, a calma retomou conta com os zelos da parte dela e, não menos, pelo lado dele. A presente esposa o chamava somente pelo nome próprio que, na presença de outras pessoas, era acrescido, por apreço, da palavra doutor. Só nas horas íntimas as fantasias permitiam uma variação entre gemidos, mas nunca o mesmo, nada de codinomes. O respeito marcava o novo relacionamento. Ela na aplicação cuidadosa dos afazeres domésticos, com afinco, já que as economias vinham dele. Além dos salários, todos os bens permearam pelo primeiro matrimônio sem que a antiga consorte percebesse um vintém.

Ainda cru, recém egresso da faculdade, criado pela mãe, sem irmãos, casto em muito das peripécias que os poucos companheiros experimentaram, coração livre de qualquer maldade, o futuro promissor de um tão dedicado estava de portas abertas.

Durante a permanência na faculdade, ao contrário do que muitos dizem sobre as dificuldades passadas na manutenção dos estudos, ele não bancou alterações da época de infância, tinha de tudo. Manteve-se num certo isolamento, coisa de temperamento, não gostava de extravagância, nenhuma soberba, nem mesmo com os dotes financeiros dos quais era dono único, heranças acumuladas, “das sesmarias”, diziam os parentes.

Foi em umas das poucas horas de folgança que se permitiu durante os puxados estágios na capital, que a conheceu. Paixão pura. Era no que acreditava sem perceber, atreladas nela, as coisas que na sua idade já deveria ter dado aos dentes.

Fim do período de enriquecimento curricular, tempo de voltar para o interior e deitar esforços na carreira profissional.

Em função do atarefado, agenda, mais de um emprego exigindo sua constante presença, era a namorada que se deslocava, viagem comprida em ônibus desconfortável, para os entretenimentos do galanteio. Ela, cada vez mais no capricho, se mostrava encantadora, compreensiva e dedicada ao relacionamento. Conquistou toda a família dele para, em breve trecho, sacudir a aliança de noiva, de modo que, num mais breve ainda, fazer o metal pular para o anelar esquerdo.

Todos os dias, a mãe do recém-encadeado recebia a atenção do filho e da nora, em igual forma. A esposa, dengosa, jeitinho especial em dar voltas, não tardou em ditar a necessidade de visitar a querida mamãe na metrópole. Justificativas não faltavam. “Você está perto, eu sinto saudades, me faz falta quando vejo você ao lado da sua”.

Enquanto ela amiudava os prazos de visitas à cidade maior, para ele os compromissos no trabalho avolumavam, rotina grudada em concordância até o dia em que a bomba detonou. Foram considerações, juras, todo o tipo de sentimento, em estilhaços sobre a mediana cidade de arrojado provincianismo.

Um amigo da família, testemunha de casamento, bem se diga, boêmio inveterado, também viajero contumaz, com o intuito de se safar dos comentários na terra natal, se deslocava para ambientes desconhecidos dos conterrâneos, mulheres mais atraentes, bebedeiras, tratos especiais encontrados só na capital.

Por uma ocasião dessas, bordejando pelas ruas onde se concentravam as afamadas habitações da vida fácil, como no dizer dos antigos, que escondiam saber que não era tão fácil assim, pelo contrário, viu uma mulher entrar em uma delas com desenvoltura do pleno conhecimento do ambiente e funções. Até aí nada de novo, se a personagem não se afigurasse tanto com a esposa do amigo. Com o queixo despencado, deixando cair o cigarro, parou de girar o guarda-chuva fechado como se fosse um ventilador e não conseguiu sair do lugar. “Será?” Repetiu para si mesmo essa pergunta diversas vezes. Sentiu a boca seca e os ânimos murcharem. Voltou para o hotel como se um martelo estivesse tentando romper sua cabeça com um cravo. Mal dormiu. Acordou com ideia, já com o susto passado, de voltar à noite ao local para suas realizações, entre elas a

de elucidar a questão, quando a falta de calma no dia anterior não permitiu.

Comprovado. A mulher dama era ela. Assuntou. Sentado num canto do salão, aba do chapéu quebrada no disfarce de encobrir parte da face, apurou tudo. Ela aparecia por vezes no salteamento irregular dos dias.

Mesmo com um fio de segredo, a novidade escorreu, brocou no subterrâneo até desmornar expondo o tamanho da erosão, agregando detalhes, espantos. “Como pode? E ninguém sabia...”

Registrado ficou que a casa onde o noivo visitava a noiva, os resumidos parentes, de ambiente simples, descontraído, não conferia com o mesmo endereço da fatídica revelação. Ali a sogra era gerente, coisa organizada, ninguém tinha por onde forjar palavras no depreciativo dado que era de respeito, quando se tratava da decoração, serviços prestados e clientela.

Em meio à tragédia familiar, um, apenas um, serenidade lógica da época, pediu calma, muita calma. Antes que entornassem qualquer caldo, diligenciou mudanças de titulares para todos os bens do sofrido, os quais voltariam, em

oportuno, ao conformado, hoje em plena usança pelo novo, nem tanto, casal.

A notícia da televisão fez emergir aquele desprazer, agora sem tanta importância, etapa vencida, que não mais se repetiria, tinha a mais pura fé. Mas chegou a tombar da cadeira quando, lá da cozinha, a atual esposa o chama: “Xuxuzinho, o café tá passado!”.

INSENSATEZ

Tão pobre que lhe faltava até tristeza.

Insensatez!

Não sabia, pois, que através de uma saudade, mesmo daquelas de deixar perdido, pode-se encontrar alguma alegria?

LÁ VAI O MENINO

I

Lá vai o menino. Dia comum, grupo escolar, roupinha limpa, calça com suspensório combinando com a surrada camisa, saber, esperança.

Lá vai o homem. Dia de levantar cedo, labuta, traje de ofício, negócios, expectativa.

Lá vai o velho. Dia de repetição, caminhada na calçada, roupas largas cobrindo um corpo tremulante, espera, dúvida.

II

O menino precisava da infância, brinquedos.

O homem precisava da riqueza, reconhecimento.

O velho precisava da atenção, ajuda.

III

Lá vai o menino. Travesso, missa dominical, praça, alegria, inocência.

Lá vai o homem. Carinhoso, amigos, cerveja, jogo, namoro de casamento.

Lá vai o velho. Pensativo, receber os filhos, almoço em família, alvoroço, tristeza no fim do dia.

IV

O menino queria ludibriar o tempo.

O homem queria produzir a suntuosidade.

O velho queria descansar as horas.

V

Lá vai o menino. Feriado, apresentações no palco da rádio, ofertas comerciais, timidez ao subir, felicidade ao descer, brinde na mão.

Lá vai o homem. Dia de folga remunerada, possança na ida, derretido na volta, prazer pago, a bem fornida da casa dos oferecimentos mexendo no bolso.

Lá vai o velho. Dia de vazio, cadeira de balanço, recordações no impulso para frente, recordações no galeio para trás, solidão no corpo todo.

VI

O menino queria ser o homem.

O homem não queria ser o velho.

O velho queria ser os dois.

VII

Lá vai o menino. De novo na rua, invadir quintais, doces frutas roubadas.

Lá vai o homem. Rotina, preocupação, pressa.

Lá vai o velho. Mesmice, engasgo de memória, choramingas.

VIII

Sonhando, foi o menino aonde o homem.

Pelejando, foi o homem aonde o velho.

Relembrando, foi o velho aonde pessoa não vai.

O LAMENTOSO

“**N**ão tenho palavras para escrever minha atual frase de vida. Rogo em exclamação. E não consigo um ponto final. Sigo em reticências”.

COMPANHEIRA

Andou com diversas. Amou poucas. Mas ela, só ela, especial, tornou-se companheira definitiva.

Sempre ali no de ladinho, firme, manancial que o rapaz supunha ajudador na travessia de trechos da vida, no elucidar situações, no brotar coragem para decisões. Ela, ela de todos os dias, partilhava companheiros, sem ciúmes, tinha confiança na figada.

No início muitos beijos trocados, sempre beijos de brindar alegria. E continuavam os beijos, virados no sério de comemorar bodas. Mudava de temperamento, ele. Ela, assim mesmo, ao lado, para ser tragada quando ele bem entendes-

se, vestida de branco, dourado, e o que mais ele exigisse.

Ela girava os pensamentos dele, esperava, calma, o início do enrosco, depois mostrava seu ósculo alambicado, mosto veneno da demasia, que o fazia amanhecer com a cabeça abalada, melado; e ela, por sua vez, aguardava sua língua para novas lambidas, pouco se importando se seria cuspidada, saboreada ou usada na indiferença.

Ousada, ao lado dele se exibia o tempo todo. Jogava-se para lhe aquecer o sereno da madrugada, ou rebater as horas quentes do dia.

Eram para o resto da vida, sem juramentos. Assim sempre unidos. Que fossem festas, rodas de amigos, como um casal em diálogo íntimo na mesa de algum bar, ou apartados do resto do mundo, em casa, no enfim sós.

Tinha ela suas mínguas, invasiva, fez desaparecer todas as Marias que batiam saias para o moço, que foram das Dores, da Consolação, Imaculada. A ausência da companheira não trazia o esquecimento, os tiques não deixavam, na saudade faltava-lhe apoio, se colocava em tremedeira. Já sua presença, na demasia o fazia lembrar

coisas, balbuciava, gemia palavras entendidas por ninguém, gesticulava, montava caretas. Isso não foi determinante para uma separação, pelo contrário, firmou mais o companheirismo de um dueto em prazeres arrastados.

Chegou um tempo em que ele pensava ser o visgo do relacionamento, que poderia capturar, engaiolar e depois mandar às favas; mas, todas as vezes que tentava uma separação, ela reaparecia mais carinhosa, trajando inocência, bailando jeitinho especial para grudá-lo em seu sabor, esperar que ele corresse atrás. Não brincava muito no “pega não pega”, se fazia fácil para derreter-se no travo do maldito viciado. Ela se lançava ao ritual sem preparativos, no vampirismo de ser devorada, no uso, no abuso, absorvida em sumo inebriante, alucinante, até a rendição, atrelados, vazios até o tombo.

Ele não viveria mais sem ela, que trazia uma excitação peculiar. Quando não estava, um oco insinuava sua necessidade já pela manhã, vinha então a procura pelo resto do dia.

Acabrunhava-se cada vez que sabia dormir mais velho, e ela não. Ela não morreria, jamais.

De pouco ou nenhum envelhecimento, permaneceria pelo resto dos tempos nos tablados dos bares, atraente, com seu rosário insinuante, a desfazer nas paredes de vidro dos copos, vitrines de dar água na boca, perdição, despudor que o tornou perdedor.

O DEDO

Cada coisa no seu lugar. Cada um com os seus. Principalmente quando se trata de dedos, pois, sem cumplicidade, ninguém fica sabendo por onde passaram dedos alheios.

No isso correto, aquilo incorreto, tantas teorias e movimentos criados para tentar nos enquadrar no que alguém bolou para definir o que é e o que não é aceitável social, política, sexual e outros “mente” por aí, que já é tempo de criar uma instituição que busque discutir a segregação no tratamento dos dedos dos pés quando comparados àqueles dispensados aos dactilos das mãos.

É fato que os dedos dos membros superiores são privilegiados com relação aos inferiores.

Não precisa explicar, toda comunidade é assim. Estes últimos às vezes nem nome têm. Diferença para o dedão. Mesmo assim só lembramos dele para soltar impropérios quando trabucamos o pobre coitado numa quina qualquer. E a culpa é dele. Para não ser injusto, o dedinho também é chamado pelo nome, mas sempre temos que especificar quando se trata do pé, pois, sem esse cuidado, a referência será sempre ao da mão. O resto deles é indicado apenas por nomenclatura numérica. Tem até gente que acha que dedinho ligado à podologia não serve para nada, um acessório sem importância, só para fazer unha crescer.

Para as mãos, os dedos estão em outro nível, têm nomes e até apelidos. É o polegar que é o “mata-piolho”, o indicador conhecido como “fura-bolo”, o médio elogiado como o “maior de todos”, o anelar apelidado de “seu vizinho” e o mínimo com alcunha de “mindinho”. Todos, de forma isolada ou em associação, têm destacadas funções, que podem até substituir palavras, promovendo a comunicação entre pessoas através de gestos. É o dedão arrebitado para cima dizendo que está tudo azul, o indicador forman-

do com o médio a mensagem de paz e amor, é o maior de todos, sozinho na soberba, desafiando na obscenidade, da mesma forma que o polegar e o “fura-bolo”, formando uma ruela, quer dizer xingamento.

Inegável é que os dedos das mãos cresceram de forma mais sociável que os dos pés. Eles têm o poder da brincadeira e acariciamento entre si, guardam a nobreza de dedilhar um instrumento musical, segurar uma caneta, mostrar símbolos de graduação, de estado civil ou ostentação.

Não podemos deixar de falar em dedo-duro, dedo do artista, dedo do cupido, dedo da providência, dedo do destino e por aí, no dedutivo de muitos outros termos.

Os dedos dos pés têm a mesma oportunidade? Pelo contrário. Quando não estão chapados na terra estão enfiados, abafados em sapatos, escondidos, enfrentando calor e odor.

Mesmo diante de tantos privilégios quando comparados aos irmãos do andar de baixo, os das mãos têm também seus momentos inglórios. São eles que substituem o prego na hora do erro do martelo, são culpados pelo caráter do dono que os esconde depois da pedra atirada e tam-

bém levam a culpa de furar os olhos dos ludibriados. Isso sem contar as aventuras de atolar, às cegas, no fundo da cumbuca. Bem, existe aí uma compensação, a de que, na tatilidade das apalpa-delas, eles vão na frente.

Pois bem, certa vez, em um estabelecimen-to na então pequena cidade onde nasci, cafundó de Minas Gerais, fase adolescente de começar a fazer roda em mesas de bar para tragar as pri-meiras doses, dizer que é gostoso só para não se passar por frouxo, estávamos no salão de um dos maiores bares por lá, na única mesa ocupada, dada a madrugada já pela sua metade, um dedo fez história.

Como se faz até hoje, a comunicação com os garçons era com as mãos e seus terminais. O indicador para cima significava mais uma. Os dedos em concha, abrindo e fechando, sinalizava um chega mais para um pedido mais específico tal como cigarro, tira-gosto.

Assim foi. Assim ia até o momento em que aquele trabalhador, cansado do não ter mais me-sas para atender, resolveu catar uma conversi-nha com a turma, imbicando para falar de sua

experiência em atender e orientar fregueses de distintas classes sociais, nacionalidades diversas, raças e credos de todos os naipes.

Sempre nos chamando de jovens iniciantes da vida boêmia, o que seria um dedo de prosa foi se arrastando, arrastando, e ele só se retirando da mesa quando a garrafa secava e mais um exemplar se fazia necessário. Em seu retorno, com a bandeja equilibrando mais um pedido, tão logo ele sacava a tampinha, acelerava novamente o assunto. Sem perder o fio da meada, inteiriçava palavras, passando de um tema para outro sem murchar a boca.

A madrugada ficando rente à aurora, o acinzentado domingo escorrendo para dentro do bar, nos fizeram pedir a saideira para evitar chegar em casa depois que o dia mostrasse totalmente suas cores.

Ao depositar a garrafa na mesa, junto com a conta, dizendo “esta tá no capricho”, abriu a cerveja e, antes de servir, de forma polida, nos perguntou se poderia deixar um conselho a todos. “Pode crê” disse um aceitando de pronto. “Se não vier este ensinamento somado na conta, de grátis pode mandar ver”, completou outro.

Nesse momento, num interesse bêbado, todos abanaram as orelhas empilecadas, atentos às palavras que em tom profético aquele falante começou a pregar, dizendo que um garçom não serve apenas para servir, tem que levar aos clientes seus conhecimentos botequins. Foi adiante:

– O conselho é o seguinte, – disse e logo emendando – vocês tão jovens, que gostam de uma cervejinha, saibam que desse prazer pode surgir coisa ruim. Sou muito experiente e já vi casos desagradáveis. Um exemplo que sempre trago e gosto de repassar aos amigos é que um caquinho de vidro de nada, desgarrado ao abrir sem cuidado uma garrafa, pode ser traduzido em problemas e até levar o sujeito para o hospital, se cair no copo e, ingerido, furar as tripas e danar em risco de vida, ou de morte, como dizem agora.

Continuou:

– Para evitar uma desgraceira dessa qualidade, sempre que abrirem uma garrafa, antes do primeiro gole, vejam se a boquinha não foi danificada, se não sentem um arranhãozinho com o dedo. Para isso, prestem atenção no que vou ensinar – e, fechando a mão no gargalo, começou a

alisar com o dedão, sem parar, o bico do recipiente, repetindo “assim, assim”, e toma-lhe o dedo por onde sairia a cerveja para encher nossos copos.

“Logo na saideira?” – tenho certeza de que todos pensaram ao mesmo tempo, e um de nós, mais inconformado, representando o que todos gostariam de resmungar, providenciou, causando constrangimento que fez o garçom retirar imediatamente o dedo daquele lugar e escondê-lo no bolso da calça:

– Olha meu senhor, fico agradecido pelo conselho, mas, não sei se o senhor sabe, para estragar um bucho, tenho mais medo de dedo sujo que de delicados caquinhos de vidro.

O HOMEM E AS GALINHAS

Se recebesse uma carta momentos antes do almoço, não abria. Apenas a jogava para um lado, voltando a atenção para a correspondência após a digestão garantida.

Depois do anoitecer, se o telefone tocasse, não atendia. Se repinicasse pela segunda vez, desligava o aparelho.

Sistemático? Não. Calmo de outro mundo. Sabia apreciar a serenidade de forma que nada a perturbasse, muito menos no apetite, no sono.

Criou fama como pescador. Deitou na rede. Fez prestígio.

Qualquer ditado referente a pessoas calmas, que quando alteradas se transformam na base

do “sai de baixo”, não se aplicava a ele. A tranquilidade ali era traçada em linha e anzol, até mesmo em importantes decisões. “Ora, ora”, dizia sempre antes de emitir uma opinião, como se estivesse em seu barquinho, em águas de remanso, esperando a fígada de um peixe caprichado.

Pescava apenas em rios, mas tinha na figura um oceano de bondade. Em sua tranquilidade, as ondas do mar eram sinônimos de agitação. “Quero não, agradecido”, respondia quando alguém o convidava para uma empreitada em águas salgadas.

Tudo que poderia ser traduzido em “dor de dodói” ou trazia embutido algum tipo de “trabalheira danada”, conforme seu dicionário, rebolava para longe, se ajustando cada vez mais na sabedoria sossegada, na pacatez, como se estivesse revertendo areia para o lado de cima da ampulheta, ganhando mais tempo na vida.

Ele e a esposa em casa. Filhos longe, donos das próprias vidas “com os focinhos no rumo para beberem e comerem o que bem entendessem”, repetia sempre, complementado com um “isso mesmo, sortido na saudade está o dever cumprido”.

Só não dormia em pé. Isso não. De fala mansa, jogava fora conversa na maior facilidade. Em qualquer grupo de pessoas só dava ele no deitar lenha na fogueira da prosa, pé de conversa que chamava atenção, que todos gostavam de formar roda para ouvir. Emendava um assunto no outro. Se precisasse peneirar, pouco sobraria das histórias do pescador. Tinha esse dom, esse carisma, usava dele com justiça para não encher o bolso de palavras que imbicassem no “tira do sério”, não levar agravo para casa, paraíso do contentamento.

Apreciava mesmo era ficar em sua pequena chácara, na vida boa, sítio retirado da cidade, no miolo de uma vila onde tudo era centro, tudo estava na porta.

O lugar de preferência era a varanda. Tinha uma vista aberta que ampliava sua satisfação de permanecer horas sobre horas jogando os olhos nas plantas da horta, no pequeno jardim que mantinha para agradar a patroa e nas criações, sua estima maior. Para as galinhas então, admirações e cuidados. Pisavam soltas, resumidas em pouco mais de dúzia para um atormentador carijó.

Espichava as pernas no banco comprido encostado na parede. Ficava vendo aquela beleza que ele declarou a coisa mais bonita deste mundo. “Ora, ora, pra que mais?”, anunciava, melado em satisfação.

Com tanta calma reinando, as galinhas trançavam na varanda em suas caminhadas cacarejantes pra lá e prá cá, jogando, aqui e ali, os resíduos cloacinos, pingando a cerâmica clara que a esposa tentava manter sempre no brilho.

Foi a conta, ou melhor, começou a conta, a diferença. Ele tentava sempre subtrair os problemas daí advindos, ela procurava multiplicar em escala que ele não tinha estudado.

Mesmo se jogasse milho pra lá do acolá, como fazia a dona da casa na tentativa de desacostumar as emplumadas da sombra da varanda, não dava resultado. As danadas saíam em geringonçadas carreiras, como nas largadas ao som do disparo em uma corrida valendo medalha, bicavam com destreza os grãos sobre a terra, enchiam o papo e retornavam elegantes para o frescor do avarandado, para fazer companhia ao dono, no aprecio da vida mansa.

Ele gostava tanto daquelas galinhas que dizia que se elas não quisessem mais botar não seria problema, na vendinha do vizinho tinha cartelas de ovos para comprar. “Deixe as bichinhas sem compromisso”, justificava.

Zanzando como se estivessem passeando em um calçadão, viravam e mexiam, no piso largavam os chamoscos acinzentados que intrigavam a esposa.

Para ele nada disso incomodava. Para ela, com sua mania de limpeza, era o fim, ainda mais, dizia para o marido, “uma verdadeira falta de consideração por parte desta turma que recebe do bom e do melhor, bem tratadas e devolvem como gratidão este saracote na gente”.

Irritada, argumentava com o companheiro que, se pelo menos de vez em quando, pudesse passar a faca no pescoço de alguma para cozinhar no caldo de açafão, vá lá, tudo bem. Nessas palavras o marido não queria prestar atenção, não aceitava levar o assunto adiante. Desconversava. Retrucava no seu “ora, ora, isso não!” E alinhavava como em uma pregação, explicava: “A gente acaba ponhando muita consideração com as bichinhas. E elas com a gente, mas quem tem que

entender pelos dois lados somos nós que matu-
tamos, falamos no lugar de piar. No mercadinho
tem frango já limpinho, ora, ora!”

“Seria uma bondade se fossem fazer lá nos
canteiros, adubavam as plantas”, voltava ela ao
assunto. Ouvia como resposta: “Ora, ora! Larga
mão de bestagem. Olha bem para elas. Não nas-
ceram com este tino que você reclama, veja o ta-
maninho da cabecinha delas e veja o tamanho
da sua. São companhias que temos. Olhe para
cada uma, repare no jeito, vai saber as diferen-
ças umas das outras e vai aprender a apreciar a
companhia das coitadinhas. Você que não deixa
elas entrarem na sua vida. Ora, ora! São como as
pessoas, cada uma é cada uma, apôis!”

Foi nada, até que lá um dia, sem pedir em-
prestado um pouco da paciência do marido, a pa-
troa, ao varrer o que ela chamava de “imundície
destas pragas”, plantou a vassoura na cacunda
de uma das criaturas.

Foi a conta. Ele não olhou para um lado, nem
para o outro. Também não precisava. Pelo coco-
ricó apavorado produzido pela injuriada, aquele
baque seco do feixe de piaçava denunciou o fato.

O costumeiro e moderador “ora, ora”, foram suas únicas palavras.

Julgando como indiferença do marido quando da primeira vez, a mulher quis fazer daquele gesto um costume, para tentar espantar de vez todas as galinhas daquela parte da casa, o que seria um sossego para sua obsessão. “Ora, ora, faz isso não muié...,” disse ele na mesma calma de quando contava um causo engraçado nas rodas de amigos.

Passou.

Aconteceu uma terceira vez. “Repetiu”, pensou ele. “Maldade”, remoeu. “Bobiça”, reclamou. “Elas não nasceram com a sabença do tamanho da sua”, completou. “Se elas fizerem uma maldade dessa com você, vai achar bão?”, perguntou sem esperar resposta.

A mulher quis explicar sua atitude, mas não coube entre as palavras mansas dele, repertório completo em defesa dos animais. Eram seguidos “ora, ora”.

Ele ficou no mesmo lugar, balançando a perna no de sempre, apreciando a paisagem como se esta mudasse a cada minuto. Passado o susto da última pancada que esparramou o bando todo, de

uma em uma começaram a se reunir na folgança de sempre, repovoando o derredor do dono.

No outro dia, um desconforme tomou conta dos ares da moradia. Sem hesitação, juntou todas as galinhas e se mandou. Deixou para trás uma varanda de piso limpinho, pronto para brilhar para ninguém. Do poleiro recolheu também a tranquilidade da casa.

OS MENINOS E O CAPETA

Causos, ou casos, vão pulando cercas, passam de uma fazenda para outra, alcançam as vilas, chegam às cidades e desembestam país afora, motivo pelo qual muitas vezes escutamos uma história e, lá do fundo da memória, como sobrestado em um dos arquivos do que vivemos, vem a sensação de que isso já vimos ou ouvimos. Muitas vezes mudam os personagens, o local, uma variaçãozinha aqui e ali, mas o acontecido não é esquecido. Se verdade ou invenção, não faz a questão.

O que narrarei me foi repassado por um amigo que jura, trejura, que tudo se passou em nossa terra natal. Eu não sabia.

Certo dia, atravessando a praça principal da cidade, esse amigo apontou para dois idosos sentados em um banco:

– Você conhece aquelas figuras?

Respondi que apenas de vista.

– Bem, – continuou ele – sentados ali sabem da vida de cada um da cidade. Qualquer que passar, noticiam detalhes. Repisam comentários. Nem vultos ao longe escapam. Estão ali línguas de ponta.

Com esse introito, começou:

– Possuem nomes de santos, mas aprontaram coisas do outro mundo. Quem não conhece não diz que foram da pá virada. Um é o Francisco. Gostava de animais, principalmente dos mais coloridos, pássaros para afinar sua pontaria no bodoque, espalhar penas. Sua canção preferida até hoje é “atirei o pau no gato”. Vive sacudindo a letra por aí. O outro, é o Gonçalves. Sempre apreciou uma viola e um cabaré. Parece que quando bebê foi embalado ao som daquela canção que começa com “conheci, um capeta em forma de guri”. Sabe qual?

Em um só fôlego, continuou:

– Aquelas carinhas de inocentes, despejando um bom dia a todos, escondem histórias, hoje lembradas como folclóricas, mas que na verdade tocavam terror pela cidade toda.

Enquanto caminhávamos, passou ele a minuciar a vida dos dois:

– Pois é. Começaram suas peripécias longe um do outro, até que o pai de um deles foi transferido, e quis o destino que se tornassem vizinhos. Foi a conta. Foi um grude. Nunca mais se separaram. Até hoje são como carne e unha. Antes de se conhecerem, cada um já mostrava o potencial nas artes, nas travessuras.

Meu amigo sabia do histórico de cada um. Prosseguiu:

– Dizem que o de camisa azul, ainda menino, foi levado por uma tia a uma sessão de cinema. Por ser novidade, o menino amuou na poltrona, o que todos admiraram, de um menino sapeca parecer ter medo das cenas de um filme de guerra. Na verdade, estava era matutando alguma coisa, pregando os olhos na tela, observando com atenção todas as cenas em que os aviões eram alvejados, abatidos, descendo em pirue-

tas. Pois bem, acabada a sessão, o menino sai em disparada e vai para detrás da tela. Não teve ninguém que o tirasse de lá enquanto tentava encontrar um dos aviões que tombaram em terra. Queria levar pelo menos um para casa, dizia irritado. A única forma foi alguém providenciar, com dificuldade, exemplar emprestado de algum brinquedo, levar até o local onde o menino se encontrava emburrado com sua procura infundável e, disfarçadamente, gritar “achei um”. Este passou a ser o brinquedo favorito, não teve mais devolução. Falam que tem este aviãozinho até hoje.

– Já o outro, – continuou – o de camisa branca, cara de fuinha, era lá, na família dele, o mais novo da prole. Sem muita conversa, dominava todos os irmãos com sua diplomacia ameaçante. Sempre foi curioso, criativo. Estimava as brincadeiras com mais adrenalina. Certa vez acertou sua primeira professora do grupo escolar, estabelecimento em que os pais sentiam orgulho de ter o filho lá estudando. Aprimorou com mais agressividade uma brincadeira que no original achou ser leve demais. Aos domingos, o danado recebia a benção na missa matutina e esperava os fiéis da missa vespertina para a armadilha da latinha.

Consistia essa arapuca em colocar um recipiente em cima do muro, carregado de resíduos humanos, esticar um fio transparente, amarrado nele, até a ponta da calçada, de tal forma que o desavisado, ao arrastar o fio, puxava a latinha para cima do próprio coitê.

Meu amigo era um verdadeiro narrador. Foi em frente:

– Acontece que no dia em que a professora vacilou, ele exagerara na quantidade e qualidade dos ingredientes. O volume emborcou na testa da sisuda senhora, abriu um rasgo. O sangue, misturado com o fétido pegajoso, fez arder os olhos, amargar a boca, escorrer pelo decote fechado. Descoberto pela vontade de ficar contando grandezas, foi expulso da escola.

Meu parceiro de caminhada não parou mais de falar. A narrativa foi fluindo, amaciando os passos. Ainda me lembro bem dos detalhes.

Me disse ele que os dois velhos companheiros fizeram a primeira comunhão juntos. Após algumas lições, um deles questionou o pároco: “O senhor disse que temos sempre que carregar Deus. Depois disse que ele está em todo lugar. Não podemos encontrar com ele nos lugares, lá

onde eu for, sem precisar ficar carregando o tempo todo?” O santo padre fechou a cara.

Depois que formaram dueto, a vizinhança não teve mais sossego. Diziam que tinham comichão no corpo, que fizeram pacto sabe-se lá com quem e que, com eles, nem o capeta podia.

De tanto repetir que com eles nem o capeta podia, o dito cujo não se conformou, resolveu apurar a história, tirar a limpo, pois sendo ele o legítimo grão-tinhoso, como não poder com um mero par de garotos! Sem muito esforço, os apavoraria. E ponto final. Foi o que pensou.

Em sua primeira tentativa, o satanás, aproveitando dos amigos conversando distraidamente, sentados em um resto de muro, pulou na frente dos dois em trajes tradicionais, pelo menos da forma em que sempre é mencionado pelo povo, com direito ao vermelhão, tridente, rabo em seta e chifres.

Os dois não se alteraram. Olharam um para o outro com cara de deboche. Um lascou:

– Olha o nenenzinho do papaizinho vestido de capetinha.

O outro concordou:

– Marica da mamãe!

Antes que o capeta soltasse fogo pelas ventas, fumaça pelos ouvidos, os dois meninos murcharam em cima do que julgavam ser outro menino. Foi carraspana sem fim. Fulminação para toda banda e bunda. Não respeitaram os olhos alterando cores a cada pancada, nem as faíscas que saíam da pele cascuda, nem o tridente que girava sem conseguir cutucar um deles. Não teve revide que os fizessem desembolar enquanto o filho do enxofre não saiu em correria.

Daí pra frente o capiroto resolveu camuflar suas investidas para repelir os dois.

Certa noitinha, fantasiou-se com um lençol branco. “Bobinho!” disseram os meninos. Não perdoaram. Uma nova saraivada de golpes sofreu o belzebu, que correu sob os gritos da dupla de “sai pra lá com sua brincadeira infantil, abestado”.

De outra feita, resolveu o beijudo esperar pelos meninos em forma de bosta de vaca. Tomou um chute dos infernos. Acabou esparramado, fixado na parede branca da casa bem ali próxima.

Em derradeira tentativa, o dragão das trevas, maldando coices, se fez de mula. Ficou pastando, abanando a cauda perto de onde os dois companheiros passariam, rumo ao campinho de futebol. Ao avistar o animal, os meninos combinaram “vamos pegar um bambu e enfiar no rabo deste bicho”. O transformado quadrúpede fez sentar para proteger o alvo. Em seguida, num pulo só, arrancou soltando um urro diferente, de solavanco, relincho que nunca foi ouvido na face da terra.

Por fim, quando se deu conta, ou melhor, não deu conta das arteirices da dupla, colocou o rabo roto debaixo das pernas, levantou poeira na carreira, segurando seu tridente já cambeta, e gritando: “desisto, desisto, entrego a Deus”.

Meu parceiro de caminhada disse ainda que hoje, sentados na praça, quem os vê não entende os motivos de tantas gargalhadas. Todos os dias a mesma reunião de coisas.

– Na certa ficam lembrando, reescrevendo os fatos – sugeri.

– Está duvidando? – me perguntou.

Respondi que de forma alguma, mas quase voltei na resposta quando, na sequência, ele arrematou:

– Dizem que a tranquilidade da cidade hoje se deve a eles, pois o provocador de tudo que é ruim não quis mais aqui botar as patas.

– ...

ESTAVA ESCRITO

O cortejo fúnebre atravessava a praça principal rumo à igreja matriz, onde seria celebrada a missa de corpo presente. Um caixão, em madeira nobre, carregado por quatro pessoas, era seguido por parentes, amigos, observados por quem sentado em bancos, passando pelas calçadas.

A carreação conduzia, para a despedida final, o corpo de João Poeta. Era assim conhecido por suas declamações desde o tempo de grupo escolar, pelas elogiadas redações colegiais, e pelo homem com o hábito de não perder oportunidade para citar grandes nomes da poesia, o que fazia tanto no meio de uma prosa como no arremate de uma conversa, substituindo um simples até logo por versos brilhantes.

Além de viver enfiado em livros, gostava João de escrever. Muito. Eram contos, crônicas, poesias, cordéis. Seus textos revelavam leveza, encanto, com início, meio e fim sincronizados, cromatizados nas palavras.

Por uma questão lá dele, tudo o que escrevia guardava em pastas organizadas, com datas, temas. Um arquivo que julgava de interesse seu. Só.

– Em meio a tudo que é deslumbrante em uma literatura, podemos encontrar também um certo poder de lança, capaz de atravessar o futuro, reescrever páginas, bifurcar caminhos, destrair o destino – pensava.

Essa era a razão que o fazia recolhido com relação a divulgar seus escritos. Temia estar, entre eles, algum que, exposto, pudesse ter a força de cambiar sua senda.

Mesmo encucado assim, foi deixando aos poucos alguns conteúdos nas mãos de amigos. Não tardou a admiração de quem leu esparramar pela cidade o extraordinário de seus feitos, que ele mesmo, na modéstia, chamava de “apenas rabiscos”.

Não ficou por aí. O boca a boca alastrou seu dom. Não faltaram abordagens de semanários, sugestões para reunião de tópicos em livros. João fincava o pé. Recusava-se a publicar qualquer de seus pensamentos. Driblava com vagas respostas. Dizia: “por ora não, coisa, quem sabe, para o futuro”.

Só não conseguia o poeta se esquivar dele mesmo. Via-se debulhado nas superstições, nas remoídas ideias. Exaltava a todos que, em uma obra literária, está, além das belezas de uma ficção, de um resgate do passado, a forma magistral de registrar o presente para os vindouros. Ainda assim refutava propostas de edições.

Por fim, todos interpretavam que João era tangido por certas crenças exageradas.

– Bestagem de bruxismo inexistente – diziam, para mudar sua ideia.

Continuavam os mais afeiçoados no “pega no pé” para desencasquetar João daquela teimosia, para ver suas histórias disponibilizadas ao público. E João na arrazoação.

A cada investida, João tentava reforçar os alicerces de sua decisão. Nas conversas pedia para que olhassem os exemplos de tantos auto-

res ceifados justamente quando chegavam à idade do melhor aproveitar. No fundo, era como definia a própria fase de vida.

Acreditava João, piamente, que muitos escritores foram antes do tempo, cortaram a fila para o além ao refazerem os próprios destinos, como troco pelo fato de cavoucarem, colocarem na derrama coisas que poderiam ter ficado no abisso. E não adiantava quando pediam para João olhar os exemplos de muitos que viveram tanto, e de outros que ainda estão por aí, enchendo prateleiras com ficções de todos os gêneros.

– Melhor não – conformava-se.

Imperou a água mole em pedra dura. Na queda de braço, João foi dobrado. O primeiro ensaio foi estampado em um jornal da cidade. Sequência inevitável. Vieram as colunas específicas, crônicas diárias, conteúdos para comentários obrigatórios entre leitores.

A porteira estava aberta. Seguiram-se os prêmios em concursos literários, participação em antologias. Mais uma vez o convite para a publicação do primeiro livro, de contos. Discutia com ele mesmo o “faço não faço”. O cabo de força embicou pelo sim.

Por influência, o entusiasmo foi ramificando. O trabalho de compor o índice foi acrescido de algo que ele nunca sentira, nem mesmo quando finalizava suas criações. Julgava ele que o adicional em suas emoções se devia ao fato de agora querer expor os trabalhos, o acesso a muitos.

A felicidade na publicação fez João mudar com relação a certas concepções. As antigas superstições, ele mesmo passou a chamar de fantasias, caraminholas.

Tudo arranjado. Textos selecionados. João passava na editora sempre que podia, para apreciar a arte, a formatação, orelhas com apresentação, pequena biografia, lista de agradecimentos que quase fundiu sua cabeça. No acabamento da capa, uma indescritível vibração, uma agitação na alma que o deixou arfante.

– No prelo – gostava de dizer quando alguém perguntava “cadê o livro?”

Fizeram questão, ele o mais motivado, de uma sessão de autógrafos, coquetel, solenidade marcada para um domingo à tarde no saguão do cine teatro, pomposo prédio na praça central, lado oposto ao da igreja. Seria uma festa, antes

julgada apenas como inútil escada social, em que o escritor se entregaria no todo.

Depois de quase tudo pronto, por uma questão de justiça para com ele mesmo, João fez adicionar mais um conto para compor as últimas páginas. Tratava-se do primeiro conto que escreveu em sua vida, só que, dessa vez, reinventado, substituindo palavras na última hora.

Esse conto, intitulado “Enganadiços”, abordava um personagem que vivia se lamentando pelos cantos, por não saber se livrar de superstições impregnadas.

Na verdade, João falava dele mesmo. Queria deixar nas linhas desse texto traços de seus novos sentimentos, as mudanças adquiridas. Afirmou que o medo de partir na idade do melhor aproveitar não passa de bobagem. Acrescentou que frases agrupam palavras, mas não ditam sentenças.

O protagonista finalizou o conto em tortuosidades, em deboches. Brincou que aceitar clarividências tomando as rédeas de nossa conduta é o mesmo que desprezar a liberdade de poder gozar uma tarde de domingo festivo, é deixar de agir livremente para se sentir espremido dentro

de um ataúde, em madeira nobre, carregado por parentes, amigos e, sob olhares de desconhecidos, seguir para uma despedida final.

DEPOIS DO AMOR

*“Se você ama alguém, deixo-o livre.
Se ele voltar, é seu. Se não, nunca foi.”*

Richard Bach

– **F**oi bom pra você?

– Foi...

– Você ainda gosta de mim?

– ...

– Hein?

– O quê?

– O que, o quê? Todas as vezes que te pergunto você diz que sim.

– Estou me sentindo num vazio.

– Mas você disse que foi bom.

– Isso é outra coisa.

– Mas, depois de tanto tempo juntos, não era para se mostrar mais firme o que sentimos um pelo outro?

– ...

– Fala!

– Sei não.

– ...

– Parece que estamos querendo passar na moenda o que resta de um tempo, seu e meu, pouco, na verdade, mas que não precisa ser triturado na errância, na engrenagem da individualidade, ponto nos pontos onde um quer que prevaleça o seu, esticado pelos dias mais dias na espremedura de liberdades, pisoteio de vontades, magoando o agora que julgamos distante, mas que, na verdade, é quase ontem.

– Entendo. O meu e o seu não mais conseguem qualquer nosso.

– ...

– ...

OS LOUCOS

– Quando tentamos chutar fora certas coisas que passamos, parece que a gente fica cambaleando, esbarrando em tudo quanto há, e a vontade de romper adiante fica bamba, que nem menino pequeno querendo andar com o sapato do pai. Acho que é por causa de que não entendemos de peso e nem de leveza, ali na mistura, que nem o bem e o mal.

Esubalhando os olhos o falante, meneando preguiçosamente a cabeça na vertical o ouvinte, se entenderam, continuaram sentadinhos os dois com o olhar fixo no firmamento, céu azul desbotado, da mesma cor de seus uniformes em brim.

AMIGOS

O telefone em cima do criado-mudo tocou. O aparelho, cada vez mais em desuso, tinha passado despercebido pelo hóspede desde o dia em que chegara. “Ainda existe”, atendeu, ironizando. No instante seguinte ao alô, ficou surpreso, não entendeu como o velho amigo o descobriu naquele quarto de pensão, em uma cidade distante de onde moravam.

O antigo companheiro pediu para que ele desse um pulinho no hotel onde estava, do outro lado da cidade, poderiam caminhar pela orla, colocar a conversa em dia.

No fim da tarde, sexta-feira sempre propícia, aboletou-se em um táxi e desembarcou na porta

do edifício suntuoso, todo em vidro espelhado. O saguão requintado, os modos polidos dos funcionários e o uniforme impecável do ascensorista o fizeram relampejar tempos em que os dois programavam tarefas juntos, ações de cidade em cidade, hospedagens em locais de luxo.

Se abraçaram carinhosamente. Com sorrisos de “quem diria”, tentaram se explicar como podiam ser tão amigos, morar na mesma cidade e não se encontrar por mais de uma dezena de anos.

Reparando nas diferenças entre aquela acomodação e a que tinha alugado, quase não percebeu quando o companheiro bateu-lhe no ombro dizendo “nada de perder tempo aqui parados, vamos sair, andar um pouco, lembrar os bons tempos”.

– Bons tempos! – repetiu antes de um suspiro.

– É isso, amigo de fé, os bons tempos das boas horas – emendou o outro.

Atravessaram a única rua que separava a portaria da praia. Pisando nos mosaicos traçados por pedras portuguesas na calçada, com as ondas molhando a areia bem ali no lado, parecendo querer cadenciar aquela andança; começaram

no ombro a ombro a debulhar assuntos largados no passado com outros agarrados no presente, numa mistura apressada, para de tudo lembrar, de tudo saber.

Sem deixar de prestar atenção na animada conversa, como em cenário de segundo plano, observavam a paisagem, as pessoas.

Vendedores de artesanato colocavam suas obras em mostruários ou simplesmente expunham no passeio. Educadamente, convidavam os transeuntes para uma apreciação de seus trabalhos manuais.

Namorados passeavam de mãos dadas, se aproximavam mais no corpo a corpo apoiados na mureta, encostados em pé de árvore, que daquela hora em diante deixava para o outro dia a virtude de oferecer sombras.

Trampolim não imaginava que naquela cidade, onde atuava com frequência, poderia haver um pedaço tão aprazível, com coisas e gente tão bonitas. Por não conhecer isso, culpou a correria e os riscos de suas funções em cada estadia.

Durante a caminhada, remontaram os tempos de meninice, a juventude e os fatos que os colocaram longe um do outro por tanto tempo.

– As pessoas ainda te chamam de Trampolim?

– Nunca deixaram de me chamar assim.

– Um apelido perfeito.

Tinha recebido o apelido de Trampolim pela facilidade com que saltava para roubar frutas nos quintais do bairro. Quase que em um só pulo, largava a rua e se jogava para o outro lado do muro.

– Já o seu apelido era Tiro Seco. Não tem como esquecer.

– Único. Incorporei tão bem que nem eu mesmo lembrava mais meu nome.

– Lembrava?

– É. Hoje não preciso mais. Nem do nome, nem do apelido.

– Como assim? Não entendi.

Nesse instante, um palhaço, saltando e soprando um apito que imitava gatos e pássaros, tentando chamar a atenção das crianças, desviou-os do assunto. Deram sequência à prosa sacando outras resenhas.

Tiro Seco. Alcunha recebida, antes mesmo da adolescência, pela destreza demonstrada

quando manuseava as espingardas de chumbinho e rolhas nos parques de diversão, arrecadando brindes aos montes e distribuindo aos colegas.

Com muitas atrações esparramadas pelo caminho, tangidos pela displicência das recordações, empurrados pelo entusiasmo do reencontro, não perceberam as horas despachando o lusco-fusco e trazendo a noite escura. Foi quando Tiro Seco anunciou que precisava retornar ao hotel. Pediu desculpas, não estava se sentindo bem.

Na volta, os quiosques luzidios davam lugar a barracas capengas cheirando a frituras em óleo rançoso.

A maresia lançava um odor insuportável de peixe podre. As ondas davam pancadas ensurdecedoras e assustadoras.

Pessoas de cara feia exibiam semblantes amarrotados, caminhavam apressadas, desengonçadas, derramavam gestos desesperados.

Os artesanatos nas calçadas mostravam estatuetas horríveis, caveiras moldadas em massa deixavam ver facas atravessadas no crânio, escorrendo pelo gume sangue escuro que manchava o piso, então transformado em chão batido. Pedacos de animais corriam de um lado para o outro.

Bonecas de pano retorciam os cantos da boca. Polvos em crochê entrelaçavam seus tentáculos na aflição. Brincos e colares balançavam nos tableiros promovendo um chacoalhar medonho.

Os casais românticos, antes sentados nos bancos, ou encostados, assumiam posturas em atos escandalosos, atentados ao pudor. Filhos puxavam os pais por coleiras. Gritos a favor do racismo e da discriminação eram ouvidos em todos os cantos.

Finalmente chegaram ao hotel. A entrada era uma porta em madeira erada, carcomida, com uma banda soltando do batente querendo cair sobre eles.

Em meio àquele tumulto dos diabos, sem entender como tudo começou, de uma hora para outra, Trampolim escorou o amigo até o quarto. Ao entrar desencantou diante da desconexão do que tinha visto anteriormente. Uma cama em metal todo enferrujado sustentava um colchão arrebitado, molas expostas. O banheiro, sem porta, deixava ver um vaso sanitário encardido e rachado. Ao lado, uma pia amarelecida onde uma torneira pingava sem parar e o sifão, inútil, deixava despejar a água no ladrilho quebrado.

Trampolim teve pressa em deixar tudo aquilo. Prometeu ao amigo que o procuraria assim que voltasse à cidade onde moravam. Tiro Seco informou que regressaria na manhã seguinte, ele respondeu que um dia depois.

Na saída, o elevador não atendeu aos chamados. Trampolim desceu pela escadaria. No térreo, percebeu uma placa que, pelo acúmulo de poeira, deveria estar afixada há um bom tempo. Tombada, dependurada apenas por uma das quinas superiores, nela conseguiu ler: *Elevador em manutenção*.

Ao atravessar o saguão viu, em passeata desorganizada, agitados, enormes ratos guinchando. Baratas entravam e saíam dos buracos ensebados dos sofás e cadeiras. Do outro lado do balcão um senhor despenteado apenas o acompanhou com o queixo pontudo debaixo de uma boca murcha, enquanto os olhos, contrariando o movimento da cabeça, não mudaram de direção.

Ao bater na rua, Trampolim percebeu que a paisagem era totalmente diferente daquela admirada quando chegou, à tardinha. Também não conservava o horrores de quando retornou da caminhada com o amigo.

Já na calçada, voltou-se para o prédio. Viu as ruínas de uma construção. Vislumbrar que ali funcionou um hotel, só mesmo através do resto de um letreiro em cimento, desenhado acima do segundo andar. O decadente edifício estava todo cercado por tapumes de madeira, isolado dos demais.

Nunca tinha sentido tamanho medo. Nem diante das ameaças da lei e nem daqueles que faziam representações com elas. Achava que o sangue frio diante de tantas situações para o feitiço das atrocidades, das maldades, o havia eximido de sentir os cabelos arrepiados, os poros soltando lascas de gelo.

Já na sua cidade, no domingo, foi cumprir o combinado de procurar o amigo, mais pela tentativa de entender, pelo menos em parte, os acontecimentos de dois dias atrás.

No endereço que o amigo citara, não encontrou ninguém em casa. Apenas uma moradora ao lado informou que fazia um bocado de tempo que não via o vizinho, fazia mais de um mês, se não estava enganada. Disse ainda que não sabia muito sobre ele, nem mesmo o nome, apenas que morava sozinho, não perturbava e sempre

cumprimentava com a cara boa. Continuou um pouco mais na conversa, falando que rezava por ele, que parecia ser gente boa, que no dia em que o viu pela última vez podia estar doente, pelo aspecto, pois teve dificuldades para entrar na ambulância, parecia ambulância, um tipo diferente, acompanhada por uns dois carrões. Finalmente opinou que, pelo visto, era gente importante, que assuntou de longe, não teve coragem de perguntar.

Deu um certo trabalho, mas não foi difícil para Trampolim encontrá-lo. No hospital, a atendente disse que depois de um bom pedaço de internação o paciente veio a óbito, na última sexta-feira, no início da noite, que aguardavam pela reclamação do corpo, mas que ninguém tinha aparecido ainda. Entrara em coma profundo fazia tempo, com fraturas múltiplas. Era tudo que podia adiantar.

– O senhor gostaria de preencher o requerimento para reconhecimento do corpo?

– Não. Não sei se esta é uma boa hora.

Trampolim saiu pelas ruas derivando rumos. Caminhando de mansinho, tentava lembrar alguma oração para confortar o amigo. De-

sistiu quando vieram à memória as coisas do passado, a atração que os fez tão agarrados um com o outro.

Recordou a infância, a parceria para enfrentar outras turmas de rua, os pequenos furtos. Depois vieram os planos maiores, bater carteiras, tomar bolsas das mulheres, sair na correria.

Nas datas mais recentes do companheirismo, esbanjamento, fartura. Trampolim e Tiro Seco. Dupla que, de frutas e brindes, chegou a infernizar toda a cidade em uma escalada crescente de assaltos a mão armada, reféns, latrocínios, execuções. Perderam os limites, expandiram, ganharam outros centros.

Não faltou relembrar das ocasiões em que festejavam o sucesso das tramoias. Depois dos enfrentamentos, dos perigos, das fugas, recolhiam-se aos esconderijos para repartir os lucros, brindar com um viva aquele momento que chamavam de “a boa hora”.

Remoeu inúmeras empreitadas. Recordou, inclusive, do dia em que se apartaram. Presos e recolhidos em prisões diferentes, não se encontraram mais. Ficaram trancados por tempo igual. Saíram quase no mesmo dia. Perderam contato.

Reconhecia, pelos noticiários, quais ações contraventoras eram praticadas por Tiro Seco, sabia seu jeito de agir. Apenas acompanhava. Não o procurou mais, por achar que as condições físicas já não possibilitariam fugir em disparada. Com filhos para criar, resolveu ser caixeiro-viajante do tráfico. Clientela de respeito. Armas, drogas.

Depois do estágio em penitenciárias, ganharam liberdade por bom comportamento, ao cumprirem parte da pena. Lembrou perfeitamente de quando os juízes, contando liminares, catando *habeas corpus*, incorporaram as palavras da Psicologia e Psiquiatria de que tinham níveis intelectuais acima da média, possuíam valores éticos e morais, e eram capazes de manter o controle sobre suas agressividades e impulsividades, afirmando ainda que a possibilidade de reincidência no erro era nula.

Ganharam as ruas seu comparsa, ele e muitos outros ofensivos.

Voltaram para o crime com a sede ainda maior, com a fome aguçada, por entenderem que as penas pagas eram tão somente aperitivos para o banquete da impunidade.

Nos ilícitos foram se aperfeiçoando. Sabiam que, na prática, contavam com a inércia do policiamento, com efetivo e equipamento insuficientes, como queriam justificar as autoridades responsáveis pela segurança pública corroída. Assim, voltaram, em salvatérios, a dançar ao som das sirenes e à sombra dos quepes.

– “A boa hora! Mas... pra quem?” – seguiu repetindo.

O GULOSO

Menino guloso, aquele! Gordinho, bochechas infladas, vermelhas, olhos redondinhos, espertos, mãozinhas rechonchudas, perninhas troncudas, camisa empurrando a barriga, deixando o umbigo à mostra. Esse, é o frequente retrato do menino mais popular do bairro. Simpático. Guloso.

Falou que era comida, espevitava na hora.

Preguiçoso não. Fazia qualquer favor, exigindo em contrapartida algo para mastigar, mesmo se fosse para a mãe, viúva que contava com ele, filho único, para os servicinhos domésticos.

Com a gulodice conhecida pela cidade afora, aliás, lugarejo de duas praças, a de cima e

a de baixo, ou a grande e a pequena, muitos se divertiam pagando, em forma de aposta, para ver o menino devorar o que julgavam impossível por uma criatura só.

Certa feita, curiosos o viram devorar uma melancia inteira, a maior, escolhida por um desafiante que acabou boquiaberto, se assustando cada vez mais quando via o menino, como um triturador, cuspir caroços, suco da fruta escorrendo pelos cantos da boca, pelas mãos e, com os olhos esbugalhados, dizer:

– Só farta uma taia.

Vivia o garoto topando qualquer parada. Muitos fatos foram usados para atribuir-lhe apelidos. Era tuia, comilão, esmeril, lombriguento e tantos outros. Mas não deu liga, era mesmo conhecido apenas como Chiquinho da dona Zuca.

Certo dia, entrou em casa dizendo:

– Mãe, acabei de comer uma bolona intêr-nha de mortandela.

Assustada, a mãe reprovou:

– O que é isso, meu filho, sozinho?

– Não, mãe, com pão – concluiu.

Para ir à escola estava sempre escoltado pelo pensamento na merenda distribuída duran-

te o recreio. Sopas, mingaus, sucos, outros. Retornando à sala de aula, depois do intervalo, se ligava na hora do almoço.

Época boa para Chiquinho era a de eleição. Percorria todos os pontos onde os candidatos distribuíam lanches para os eleitores, em troca de votos. Multipartidário em se tratando de comida, entrava em todas as filas, do início do dia até o fechamento das urnas.

Bem quisto, para as festas de aniversário nem era mais convidado. Não precisava. Não faltaria. Também se fazia presente em casamentos, batizados e até velório onde tivesse guloseimas.

Devorava de tudo. Tinha suas preferências, obviamente. Entre elas, a que o fazia delirar, o pudim:

– Fico quaiado de vontade, só de ouvir falar – dizia.

Uma vez, Chiquinho entrou num bar da cidade para comprar balas e ouviu:

– Ô Chiquinho, é verdade que você gosta mesmo de pudim?

– Gosto não... só aquele tantão! – respondeu de pronto.

A proposta do rapaz, tomando cerveja com um amigo na mesa, foi a de que pagaria uma roda inteira de pudim, brilhando na vitrine, se Chiquinho desse cabo dela toda. Desafio posto, Chiquinho não contou prosa, pedacinho por pedacinho chegou ao fim, e ainda lambeu as pontas dos dedos.

Perdendo o desafio, o outro completa:

– Aí, Chiquinho, sobrou mais uma parte daquele outro, come também?

Chiquinho não disse nada. Apenas acenou para o dono do bar e o resto de um segundo pudim começou a ser trabalhado.

Pronto. Foi Chiquinho para casa feliz, naquele entardecer chamando pela noite.

Passado um tempinho, os dois amigos, calados, sem graça, com uma ponta de consciência pesada, acharam por bem avisar dona Zuca. Prevenção. Se o menino demonstrasse algum mal-estar, ela saberia a origem. Chegando, ao bater na porta, atende a mãe enxugando as mãos no avental, modos de quem deixou os afazeres na pressa.

– Chiquinho está? – Perguntou um deles.

Sem dizer única palavra, dona Zuca rapidamente voltou para o interior da casa, sumiu, e após algumas palavras com o filho, retornou no mesmo passo e disse:

– Ôceis espera só um cadiquinho quêle tá cabano de jantá e jajá vem.

Os dois não esperaram pelo menino, apressaram os passos e voltaram para o bar.

A felicidade de Chiquinho estava na boca. Dona Zuca percebeu, tentava colocar freio. Em vão.

A mãe foi visitar a comadre Jacinta. Antes, porém, entrou em acordo com o filho, para não aceitar nada que a comadre oferecesse. Coisa de birra entre elas. Chiquinho aceitou para não perder o passeio, pensando que, de uma forma ou outra, alguma coisa sairia. Lá se foram, mãe e filho, cumprir obrigações para com a parenta torta.

Com boa tarde pra cá, boa tarde pra lá, como vai comadre daqui, vou bem e você dali, começou a visita, e o prosório logo chegou à altitude de cruzeiro, céu de brigadeiro, falar de plantas, horta no fundo do quintal, bordados, crochês e, inevitavelmente, as fofocas cujo caminho percor-

ria todas as ruas da cidade, batendo de casa em casa, com o cuidado para não apontar o endereço da outra.

Chiquinho desde que chegou amou em pé, ao lado da mãe, recostado na lateral da poltrona. Prestava atenção em tudo. O pescoço ia e vinha, tangendo o rabo de olho na direção de quem estava com a palavra, mas o pensamento era um só, o de quando começaria o ofertório.

Não tardaram, para Chiquinho, as palavrinhas mágicas.

Dona Jacinta falou:

– Vocês aceitam uma água?

– Obrigada – respondeu Zuca.

– Vocês devem estar com sede. Com este sol quente de lá pra cá... – retrucou Jacinta.

– E um refrigerante? – Jacinta prosseguiu.

– Obrigada – disse Zuca.

– Nem o Chiquinho? – perguntou novamente – bobagem, qual criança que não gosta de um refrigerante, né, Chiquinho?

Dessa vez dona Zuca atravessou, agradeceu e a conversa seguiu. O menino começou no emburro.

Um instantinho mais e Jacinta, mostrando a qualidade de boa anfitriã, perguntou:

– E um pãozinho de queijo?

– Agradecida, agora não, almoçamos agorinha mesmo – refutou dona Zuca, querendo não entender que aquilo era uma provocação, lembrando do ocorrido justo na última vez que ali estivera, um fato que trouxe ranhuras no relacionamento.

– E eu lá com almoço? – pensava Chiquinho.

E tome conversa. Metade da população já tinha nome sublinhado na falação.

– E fulano, você viu que coisa? – perguntava uma.

– Né de hoje que me contaram. Pior é Sicrano, te contaram? – respondia a outra, já emendando a indagação na resposta.

Ao contrário do começo da visita, Chiquinho já não importava com os assuntos, estava ligado nos oferecimentos e já se impacientava, mudando de posição, trocando o pé de apoio com maior frequência. Não concordava com a mãe, naquela danação de obrigado aqui, obrigado ali e nada de chegar o “desta vez eu aceito.”

Aí foi quando, no meio daquela conversa que não acabava mais, Chiquinho escutou:

– E um pudim? Ah! Esse vocês vão querer. Aposto! – desafiou Jacinta.

– Obrigada, mas...

Sem esperar Zuca inteirar a justificativa para mais uma negativa, Jacinta completou:

– Olha, fiz um pudim desta vez, modéstia à parte, está divino! – ressaltou, esticando a palavra – daqui ó, uma iguaria – completou, fazendo gesto fechando os dedos indicador e polegar em argola, e sacudindo o lóbulo da orelha em forma de brinco, aguçando ainda mais as papilas de degustação do Chiquinho.

D. Zuca, mais uma vez, polidamente agradeceu. Não aceitou. Nesse momento Chiquinho ficou de orelhas em pé. Pela primeira vez manteve o corpo retesado, como se fosse bater continência.

– Obrigada mesmo, cumadre. Estou cheia do almoço, ainda – disse D. Zuca.

– E o Chiquinho, não quer nem provar? – perguntou Jacinta.

– Nada. O Chiquinho nem gosta de pudim – respondeu Zuca.

Foi aí que o caldo entornou. Aquilo foi demais para Chiquinho, que viu a cabeça oca, num rodopio de raiva. Não acreditava naquilo! Foi como se a mãe profanasse seu predileto manjar. Não suportou. Não se importou com as consequências. Na rebeldia respondeu, disparando:

– Hein? Como é que é? Eu não gosto de pudim?

Aquilo não foi um chilique, foi sua defesa. Veio o silêncio. Não contente, sem se importar com o provável ardume no lombo quando chegasse em casa, com sua mãe usando a vara de marmelo guardada atrás da porta para correções, arrematou:

– Não, num gosto de pudim não. Podêxá. Até nos troca-troca que faço com o Zé Bitelo deixo passar minha vez quando ele me dá uma lasca de pudim!

– Boa tarde, cumade, tenho que ir.

– Tá cedo, gasta mais um tiquinho de tempo!

Dona Zuca saiu arrastando Chiquinho pela mão. Cabeça baixa, debaixo de um sol escaldante, caminhava pensando se naquele caso castigo resolveria.

Nota explicativa:

A mágoa de d. Zuca com a outra foi por conta, a troco, como diziam, de pão de queijo. Em certa visita, Jacinta serviu o quitute mineiro e Zuca foi provando. Em dado momento, Jacinta disse:

- Come mais, comadre.*
- Obrigada – respondeu Zuca.*

Jacinta foi insistindo, e Zuca agradecendo.

- Obrigada, comadre, estou satisfeita.*
- Come mais, quem come oito come nove.*

Foi aí que dona Zuca notou que Jacinta deitava sovina-gem no que servia.



Fabiano A. Salim nasceu em Patos de Minas, em 1957. Viveu a infância e adolescência na cidade de Patrocínio, Minas Gerais. É Engenheiro Agrônomo, formado pela Universidade Federal de Viçosa onde também fez mestrado em Extensão Rural. Este é o seu terceiro livro composto de contos e casos. Possui vários trabalhos publicados em antologias, revistas e jornais. Participou de concursos literários sendo ganhador de diversos prêmios a nível nacional. Contato com o autor:

fabianosalim@gmail.com

Uma vez, era uma estrela, que se exibindo solta, dependurada no nada, perdeu o céu e se espatifou no chão.

Só que o barulho de uma estrela ao bater no chão ninguém conhece, nem nunca ouviu falar de quem escutou, mas sente, como quando, ainda meninos, descobrimos que ninguém se transforma em estrela, conforme os ensinamentos que tentaram semear para nos explicar a morte.

Extraído do conto "Estrelas"



ISBN 978-85-923868-0-1



9 788592 386801